

## Os primeiros cem dias

*A Guerra da Ucrânia vai continuar porque essa é a decisão das duas partes.*

**Carlos Gaspar | Público | 2 de Junho de 2022**

Na história europeia, os “Cem dias” evocam o regresso triunfal de Napoleão, a derrota em Waterloo e a abdicação do imperador. Em 1815, os “Cem dias” marcam o fim definitivo das Guerras da Revolução e do Império e o advento do Concerto Europeu; em 2022, porém, os primeiros cem dias marcam tão só a abertura da Guerra da Ucrânia.

Numa fase inicial, a Rússia tentou conquistar Kyiv para mudar o regime político e reintegrar a Ucrânia como parte integrante de uma união eslava centrada em Moscovo; numa segunda fase, quis ocupar a metade oriental da Ucrânia para reduzir o maior Estado europeu à sua metade ocidental, centrada em Lviv; numa terceira fase, [as forças russas concentraram-se no Donbass](#) para consolidar o território reclamado pelas entidades separatistas que não querem fazer parte da Ucrânia.

A Rússia não conseguiu alcançar nenhum dos seus objectivos de guerra e desistiu de conquistar a Ucrânia sem renunciar a ocupar os territórios do Donbass e avançar para Odessa para cortar o acesso do Estado ucraniano ao mar Negro. As forças invasoras, que representam 3/4 da capacidade terrestre do exército russo, sofreram baixas significativas: em cem dias, há mais soldados russos mortos na Ucrânia do que em dez anos de Guerra no Afeganistão. A Rússia, passe o apoio da Bielorrússia, está cada vez mais isolada.

A Ucrânia surpreendeu tanto os seus inimigos, como os seus aliados. Contra todas as expectativas, o [Presidente Zelensky mobilizou os ucranianos](#) e pode contar com o apoio de uma grande coligação internacional. O Presidente Putin nega a existência da Ucrânia como um Estado independente e como uma nação separada da Rússia: a invasão russa transformou a comunidade ucraniana numa “nação em armas” que superou as suas divisões políticas e mostrou que era possível derrotar o exército russo.

Em Davos, [Henry Kissinger defendeu que era urgente pôr fim à guerra](#) e regressar à situação existente antes da invasão da Ucrânia. É um reflexo típico do velho diplomata, que também defendeu o regresso ao *status quo ante bellum* em 1973, no início da Guerra do Yom Kippur, antes de Israel derrotar os Estados árabes e conquistar o Sinai e os montes Golan.

A posição de Kissinger é partilhada por uma parte importante das elites internacionais, mas é rejeitada por Zelensky que se recusa a trocar os territórios ucranianos ocupados pela Rússia por uma paz sem garantias efectivas. Em 2014, os acordos de Minsk, garantidos pela Alemanha e pela França, serviram para cessar as hostilidades no Donbass sem criar um quadro mínimo de estabilidade e, sobretudo, sem impedir a nova ofensiva russa oito anos depois.

A Guerra da Ucrânia vai durar enquanto as duas partes entenderem que ainda podem ganhar. A conjuntura no campo das armas é decisiva e muda frequentemente: a guerra de movimento está a transformar-se numa guerra de posições, em que nenhuma das partes está preparada para desistir. Kyiv quer recuperar todos os territórios perdidos e não pode aceitar perder os territórios conquistados desde a invasão: Zelensky declarou que vai submeter qualquer acordo de paz a um *referendum* nacional. Moscovo quer tomar todo o território de Donetsk e de Luhansk e, provavelmente, acrescentar Kherson ao domínio russo.

Nesse contexto, a guerra de atrito pode prolongar-se. A Ucrânia tem condições para continuar o combate, apesar da destruição metódica da sua indústria e do [bloqueio naval ilegal que paralisa as suas exportações](#). Desde logo, está a lutar pela sua terra e pela sua independência e é a mais forte na balança das vontades; por outro lado, pode contar com o [apoio dos Estados Unidos e da maior parte dos seus aliados](#), decisivo para sustentar a resiliência ucraniana; e, por último, tem a opinião pública democrática do seu lado, o que limita a margem de manobra dos partidários ocidentais da tese de Kissinger. Bem entendido, a Rússia é a mais forte na balança das armas, mas as sanções começam a pesar na sua economia, sobretudo a partir do momento em que a União Europeia decidiu reduzir drasticamente a sua dependência do petróleo russo e quando nem a China, nem a Índia parecem empenhadas em diminuir o efeito das sanções impostas pelos Estados Unidos, pelo G7 e pela União Europeia.

A Guerra da Ucrânia vai continuar porque essa é a decisão das duas partes. Nem os Estados Unidos, nem a China podem definir os objectivos de guerra dos dois Estados beligerantes ou forçar a Rússia e a Ucrânia a cessar as hostilidades.

As guerras são dinâmicas, imprevisíveis e transformadoras, ainda mais no caso de uma guerra entre dois Estados como a Rússia e a Ucrânia, que são os melhores aliados e os piores inimigos um do outro: ninguém sai de uma guerra no mesmo estado em que estava antes da guerra.

No fim da guerra, a fronteira da Ucrânia com a Rússia não só não será a mesma, como vai passar a ser a fronteira da Europa com a Rússia. Contra Kissinger, a Ucrânia não vai regressar ao seu antigo estatuto como o “Estado-tampão” que separa a Europa da Rússia e vai passar a ser parte integrante da nossa Europa.

<https://www.publico.pt/2022/06/02/mundo/opiniao/cem-dias-2008694>